

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Deus, Rodrigo Moita de

**Mas não faz mal : foi com boa intenção**

<http://hdl.handle.net/11067/6464>

<https://doi.org/10.34628/nrn2-2c83>

## **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2022
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T22:25:54Z com informação proveniente do Repositório

# ***MAS NÃO FAZ MAL. FOI COM INTENÇÃO***

**Rodrigo Moita de Deus**

DOI: <https://doi.org/10.34628/nrn2-2c83>



Somos um povo de intentos. Tanto assim que até definimos atos, palavras pelas suas intenções. Independentemente das suas consequências. Pela sua boa ou má intenção. Sendo que a boa intenção perdoa quase tudo. Mesmo com péssimos resultados. Ou especialmente com péssimos resultados. No final do dia alguém lembrará que é “péssimo”, mas feito com “boa intenção”. E é coisa transversal. Na casa, no trabalho ou na política. E quando somos confrontados com o erro, lá vem a expressão “não foi de propósito”. Sendo que o “propósito” é primo direito do “intento”.

É cultural. É mentalidade coletiva. Expressões como “não há atalhos” ou “falhar não é uma opção” são vistas como reflexo de uma sociedade desumanizada porque “errar é humano”. E lá vamos dizendo que “pelo menos tentou”. Ou pior: foi com “boa vontade”.

Utilizar a intenção como juízo crítico, fazendo prevalecer o intento sobre os resultados é (mais ou menos) aquilo que explica o nosso atraso estrutural para outros países. Por uma razão simples: todos temos boas intenções. Mesmo quando não temos, estamos convencidos que sim.

Somos um povo de intentos. E o intento funciona para mitigar “culpas”, mas especialmente “responsabilidades”.

A prevalência do intento permite-nos fazer quase tudo, dizer quase tudo sem, colocando no outro o ónus de aceitar as consequências das nossas próprias palavras e atos. E quando avaliamos essas palavras e esses atos, não pelas consequências, mas pelas intenções, permitimos também o predomínio do eu” sobre aqueles que nos rodeiam. Aqueles que têm que viver com as consequências dessas palavras e atos.

Somos um povo cheio de intentos. Cheio de vontades. Dito de outra forma. Somos um povo cheio de boas intenções. Cheio de boas vontades. E, ao que consta, o inferno também. Gente simpática, caridosa e humana. Gente que quando erra explica que “não foi de propósito”. Somos o único povo que acredita em “erros-propositados”. Mesmo que a definição simplesmente não faça sentido. Mas não faz mal. É com boa intenção.